

ENTREVISTA COM MARINÊS TRINDADE NO DIA 15 DE OUTUBRO DE 2004

(FATIMA) – Bom dia Marines, a gente tá iniciando a nossa conversa aqui e a gente gostaria que você falasse inicialmente da sua ligação com Mesquita, como é que vocês foram é pra Mesquita, né, não sei se você nasceu lá né, mas caso não tenha nascido, de onde que vocês vieram, de onde a sua família veio e como é que vocês se fixaram naquele lugar e como é que foi um pouco essa relação da tua infância, na como é que era um pouco Mesquita nessa época, da sua juventude, né. Inicialmente é isso né. Essas primeiras relações, né, com Mesquita.

(MARINÊS) – A nossa – eu seguro? – a nossa família ela chega em Mesquita, papai é um desbravador né, o seu Regner Miguel da Trindade, é, o ano assim, é, a minha cabeça não vai lembrar, mas o papai ele chega em Mesquita trazendo a minha avó Carolina, trazendo o meu avô Luiz França ainda vivo e trazendo todos os irmãos, porque eles vieram de uma cidade em Sergipe chamada Jabuatão. É, meu avô tinha um pequeno sítio de algodão, é, assim, é, eu tenho as informações que meu pai me deu e que meu tio Jackson me dá sobre isso. Elas são um pouco divergentes, mas em algumas coisas, era um sítio de algodão e era uma cidade pequena, modesta, mas naquela época eles viviam bem, porque eles tinham o que comer, tinham o que vestir, e minha avó Carolina era uma pessoa que lavava roupa e ela tinha uma relação na cidade, não é? Então, é, é até essa é a origem dos nomes deles, não sei. Isso é muito interessante né, porque todo mundo pergunta porque que sergipano, um chama Regner, o outro chamava Jackson, o outro chamava Wilson, o outro, a outra chamava Floripes, é, e e e eu aprendi isso com o meu pai, com o meu tio Jackson que a professora primária da cidade era amiga de minha avó Carolina e ela pedia a minha avó pra dá o nome aos filhos, porque dizia assim, não põe o nome de Severino não, senão não vai pra frente. E papai chamou Regner por causa de um livro da professora que ele estudava sobre o Duque de Regner na Alemanha que eu nunca soube quem foi, mas em Jabuatão meu pai era o Duca por causa do Duque de Regner, mas enfim o sítio de algodão o Banco do Brasil tomou. Existe uma controvérsia aí porque que o banco tomou não é, meu pai acha que era porque meu avô não foi diligente, mas meu tio Jackson diz que foi um problema econômico “mermo”, as dívidas não foram possíveis e de uma hora pra outra meu tio Jackson me dá essa notícia, a família ficou na “banca rota”. Era fome, não é, era miséria e há poucos meses atrás conversando com o meu tio Jackson, acho que dois meses atrás, ele falou uma coisa que me tocou profundamente, ele disse: “minha filha, hoje eu tenho certeza que se não fosse o seu pai toda a nossa família teria morrido”. Porque papai tinha 17 anos quando o sítio, é, quando o vovô perdeu o sítio e ele foi pra Bahia ser soldado e ele conseguiu entrar como soldado e conseguiu juntar dinheiro, e eu não sei como ele veio parar no Rio de Janeiro e ele começou a trazer todo mundo, ele ia buscar todo mundo. E ele foi trazendo.

(FATIMA) – O Jackson é mais velho que o Regner?

(MARINÊS) - Não. O Jackson é mais novo, eu acho que ele é o caçula.

(FATIMA) – Ah tá.

(MARINÊS) – Ou ele ou o tio Wilson são os caçulas, e o papai foi trazendo todo mundo. Então os primeiros que ele trouxe, é, que foi acho que tio Miguel, tio Wilson, tio Miguel, eram muitos, tio Edson, eles viraram motorista de praça em Mesquita, é, os outros, os demais ele já conseguiu botar pra estudar, papai tinha uma coisa com estudo porque era um estudo que ia resolver, né, tudo. Então tio Gilson estudou, fez faculdade, virou dentista, minha tia Floripes estudou, virou professora, fez o

Normal e meu tio Jackson fez a faculdade de Direito não é. Então a família vai pra Mesquita sim, papai leva todo mundo pra lá e se instala lá em Mesquita né.

(FATIMA) – Você não lembra o ano em que foi isso?

(MARINÊS) – Não, o meu tio Jackson vai saber o ano, é, nessa época, Mesquita a rua Regina, eu lembro, quer dizer, quando eu nasci a rua Regina era o seguinte: só tinha a casa da gente naquela rua, talvez mais adiante uma casa se chamava Dona Rita, é, e a rua era toda de terra, não tinha nenhum esgoto, não tinha cerca, né, não tinha muro, era uma cerca assim com uns negócios de árvore, tinha um portão bem grande de madeira e e e era assim, foi bem nos primórdios, nada do que tem lá batalhão, não sei o quê, a gente viu o batalhão chegar, nós chegamos antes do batalhão né. E papai vai pra lá e toda a família morava naquela casa, na verdade primeiro papai foi morar numa rua já lá perto do do Pedro, Pedro, Pedro I aquele colégio?

(FATIMA) – É.

(MARINÊS) – Eu não sei se a rua chama Saturno, acho que rua Saturno.

(FATIMA) – Rua Saturno.

(MARINÊS) - É e lá ficaram dois tios, mas depois ele compra aquele terreno lá na rua Regina 76 e a casa era de altos e baixos, então embaixo morava, é, minha, minha avó Carolina, meu avó França, minha tia Floripes, meu tio Gilson, acho que o meu tio Wilson e em cima morava a minha mãe com as filhas que ele começou a fazer, entendeu, tem um pedaço que ele vai a São Paulo, mas aí porque ele serve, essa coisa de militar, depois ele conseguiu vir pro Rio e tal, então foi assim que a nossa família chegou lá.

(FATIMA) – É, Marinês, é, eu comecei a ler também algumas coisas da da emancipação e também, é, da lembranças que eu tenho da nossa atuação lá em Mesquita né, em Nova Iguaçu, e você era com na juventude, né, com 19 anos você é bastante jovem ainda, mas na sua primeira juventude né, é, quase saindo da adolescência ainda você era uma ativista, né, de, é de organização, né, que eu me lembre, do MR8 né.

(MARINÊS) – Exatamente.

(FATIMA) – E também depois eu vejo você na Associação de Mulheres Fluminense. Eu queria que você contasse um pouco como é que foi a entrada nesse processo de participação de militância seja no movimento mais a nível político e também associativo, não é, como é que foi isso?

(MARINÊS) – Olha, eu eu eu diria o seguinte: você usou uma palavra na primeira pergunta que eu acho que é a essência do meu pai, é a família. A família e ele falava da irmandade, ele usava essa expressão, a irmandade que era ele e os irmãos não é, e então tem essa relação do meu pai com os irmãos e depois a relação dele com a gente, a família é tudo, a família é aquele núcleo e a gente se ajuda e a gente trabalha. Mas a família do papai ela não era dentro de casa, ela ia pra rua, a família do papai também era a comunidade, era o vizinho, era o moço da frente da padaria, meu pai montou uma escola, né, e o Centro Educacional Trindade que ficava na rua Astória 111, a família também eram os alunos, não é, e e isso era uma coisa muito forte. Então aí eu, eu interpreto que eu recebi essa mensagem da família como uma mensagem de solidariedade, né, a gente sai de dentro de uma coisa individualista e e tem que tá junto, e tem que ter comunhão, tem que tá conjunto, né, e e depois

o meu pai também inseriu na gente e aí com a contribuição da minha mãe, porque a minha mãe não tinha muito essa coisa de ir pra fora, mas com a contribuição da minha mãe também essa coisa de estudar, da cultura. Papai era um homem rude, ele não tinha formação técnica assim, é, nem nem de 3º grau, mas ele entrou como soldado e virou professor da Escola de Motomecânica da Vila Militar, ele era professor, ele formou os pracinhas.

(FATIMA) – Ele era Capitão?

(MARINÊS) – Capitão.

(FATIMA) – Capitão, a gente chamava ele de Capitão.

(MARINÊS) – Ele era, ele era Capitão do Exército, né, e ele formou pracinhas da que foram pra 2º Guerra Mundial na Escola de Motomecânica, mas ele era um autodidata pra ele porque ele já não conseguia mais se inserir no Ensino Regulamentar, mas pra todo mundo ele difundiu o estudo, não é, e aí vem a contribuição da minha mãe, porque a minha mãe já de uma maneira mais mais pra dentro, mas ela tocava piano, então eu me lembro da gente pequeno ouvindo ela tocar piano, ela lia e eu me acostumava de ver aqueles livros imensos e mamãe lia todos os clássicos assim, é estrangeiros, nacionais e tal. Então os livros era, a gente vivia no meio dos livros entendeu? A política ela entra pelo seguinte: papai era, fazia parte do Grupo dos 11 que era um negócio que o Brizola tinha em 1960 e alguma coisa, não é isso, e aí tem uma passagem que eu acho que é passagem do meu pai que eu recebi que foi no começo do Jango, né, na Central do Brasil, o papai era Capitão da Escola de Motomecânica na Vila Militar e o comandante, me parece, da Vila Militar era o General chamava Oromar Osório. Eu vejo essas coisas vêm na minha cabeça, porque papai contava essa história e o General disse: “os tanques vão sair para garantir o começo do Jango” e papai saiu liderando os tanques, não é, então ele foi, o comício se realizou como a gente sabe, mas quando ele voltou, ele perdeu, os caras botaram ele pra reserva. Papai não tinha nenhuma mancha na folha dele, era assim, era um militar exemplar, era um sujeito amado e querido na caserna, mas os caras, é, lamentavelmente, né, o pessoal da direita do Exército e, essa coisa se ele chegou a sofrer algum transtorno físico, tá alguma coisa sim, mas assim psicológico com certeza. Os caras botaram ele numa sala e disseram: “você tem que sair, porque senão você vai morrer, você vai fazer isso, você vai fazer aquilo e tal e obrigaram ele a deixar o Exército. E e aí ele, ele criou a seguinte justificativa pra isso, foi porque Marinês nasceu, porque eu nasci no dia primeiro de Agosto de 64.

(FATIMA) – Você nasceu em pleno....

(MARINÊS) – É, então nasceu a minha quarta filha, eu tenho que deixar o Exército. E essa história eu ouvi muitos anos, muitas vezes depois numa cama assim como essa que a gente tá, numa cama de casal e ele sentado comigo no lado, no lado direito da cama, havia um criado-mudo, e ele abria aquele criado-mudo, tirava uma caixa onde ele tinha as medalhas dele, onde ele tinha os documentos do Exército e ele contava essa história e chorava porque a coisa mais importante pra ele era o Exército Brasileiro porque ele defendia a nação, defendia o Brasil, e aí eu senti o Brasil a nossa família também, então a nossa família não era mais só a casa, a família Trindade, não era mais aquela rua Mesquita, não era mais os alunos da escola, a família já era o Brasil, não é, então aí isso entrou no sangue, né, entrou no sangue, acho que é isso.

(FATIMA) – Então aí você falou a origem, né, a gênese disso, mas aí você foi pra, quando você, né, começou a adolescente e tal, aí como é que, em que, quais são, quais foram os níveis de participação tua?

(MARINÊS) – Ah sim, bom aí essa história que eu contei sou eu criança. Bom, ah quando eu começo a fazer o, é, a terminar o 1º grau na sétima, oitava série a gente tá vivendo aquela fase de uma ditadura bem difícil que é 76/77. Eu, eu, eu, eu comecei muito jovem o primeiro grau, porque como eu disse o meu pai tinha uma escola e meu pai era uma figura muito engraçada, você conheceu ele, porque o papai achava que as regras do governo, esses governos tudo safado, não temos que respeitamos as regras, então ele não registrou a Escola porque o MEC fez uma série de exigências e ele preferiu fechar e era uma escola excelente e a gente cantava os hinos na escola, eu me lembro disso. Bom, enfim, então ele fechou a escola e aí a gente foi estudar nas escolas e eu prestei, a Maristela ia prestar uma prova pra admissão, prestava prova pra ser admitido no primeiro grau e eu prestei a prova, mas eu não tinha a quarta série do primário, só tinha a terceira, mas eu passei na prova, eu tinha nove anos. Então houve um ajuste e lá fui eu fazer a quinta série do Ginásio no Getúlio Vargas. Então eu fiz a 5ª e a 6ª em Oswaldo Cruz, no Colégio Estadual Getúlio Vargas e aí vou fazer a sétima série, é, sétima e oitava série num colégio chamado Colégio Pentágono em Vila Valqueire, na Intendente Magalhães em Campinho. Bom quando eu chego lá eu começo a descobrir as coisas, né, coisas que eu ouvia em casa, eu ouvia na boca do meu pai, da minha irmã mais velha Marilurdes, do meu cunhado que era namorado dela e depois casou com ela e eu começo também a ouvir na escola, né. Tinha o Grêmio e tinha a Comissão do Grêmio, não é, mas eu não gostava muito da Comissão do Grêmio não, e eu nem me lembro porque, acho que porque eles falavam muito e tal. E a gente tinha um outro grupo, o grupo, eu sempre fui uma pessoa muito popular e tal, eu era chefe da torcida lá do negócio do handball e o pessoal do Grêmio, da Comissão do Grêmio montou um jornal que chamava o “O Canal”, mas eu achava aquilo assim muito entendeu, então o nosso chamava assim, o nosso jornalzinho chamava: “tudo que a diretoria não mostra tocha atrás”. Então o nosso era “A Tocha”, e aí o pessoal do Grêmio teve maior briga e tal e eles vieram me chamar pra participar com eles e tal e aí eles me disseram que tinham um partido e que era um negócio clandestino porque naquela época não podia se falar e eu me lembro de uma pessoa que me empresta um jornal, é, do MR8, o MR8 era clandestino, mas a pessoa me botou tanto medo que eu quero dizer a você que eu nem li, eu rasguei aquilo tudo, botei na privada e dei descarga porque tinha um negócio assim que tem que ler e depois jogar fora e eu fiquei com tanto medo que eu joguei fora antes de ler. E quando eu fui contar pro meu pai que isso tava chegando perto de mim, papai recebeu superbem e papai começou a dizer que tinha que lutar “mermo” e aí como essa história que eu contei do General, do Canhão lá do começo do Jango, eu e meu pai também temos um emblema, né, essa questão da entrada da política. É, eu era, eu estudava numa escola particular, eu fazia, eu fazia a oitava série e aí foi montada uma comissão que chamava: “nenhum centavo mais nas nossas mensalidades” e a nossa escola participava. As reuniões ora eram na Zona Sul, ora eram em Madureira e a gente foi fazer uma primeira grande Assembléia que seria no SESC de Madureira, é, Colégio Arte Instrução, Colégio Pentágono, é, é, Carmela Dutra, era uma coisa, uma efervescência total e eu estudava de manhã, então eu ia fazer a panfletagem à tarde e teve o pessoal da tarde que saiu para fazer panfletagem de manhã. Então eu me lembro disso como se fosse hoje: eu to saindo e encontro o pessoal na calçada da escola que eu era muito jovem, eu acho que tinha uns 14 anos, e aí o pessoal falou assim: “deu polícia na porta do Arte Instrução e fulano correu, beltrano correu, mas cicrano foi pêgo”. Ahh, e eu fiquei com um medo maior do mundo e aí eu vou num orelhão na porta da escola e ligo pro meu pai: “papai eu fiquei de ir na panfletagem, mas a polícia de manhã foi lá na porta do Arte Instrução, bá, bá, bá e prendeu e o que que eu faço, não sei o quê”. Meu pai disse assim: “vai pra panfletagem minha filha porque na vida ou a gente vai morrer de pé ou vai viver de joelho, diz aonde é que eu vou ficar distante olhando você”

(FATIMA) – Legal.

(MARINÊS) – Então eu ouço isso ainda, né, e essa coisa de viver de pé ou de morrer de joelho faz parte da minha vida e aí eu entrei na política. E deu polícia e ele tava lá e a gente correu e ele arranjou um deputado estadual que foi pra lá com a Marilurdes pra tirar, mas também tudo com 14, 15, 16 anos né.

(FATIMA) – É.

(MARINÊS) – Mas foi assim que eu entrei né.

(FATIMA) – Então olha só, então agora a gente vai começar, eu queria que você lembrasse pela primeira vez que você ouviu falar da emancipação. Como que você, como que você, como é que, como é que isso aconteceu na sua vida, né. Acho que eu não posso deixar de falar, acho que quando eu to entrevistando você a gente vai tá, é, acho que você vai falar bastante, já ta falando do, do seu Regner, né, porque na verdade ele foi, foi uma pessoa muito importante, né, acho que ele é uma pessoa muito importante que merece ser colocada, né, nesse trabalho inclusive pela pelo trabalho que ele teve. Então acho que um pouco isso né, como é que foi isso na sua vida, como é que você junto com o Regner, a sua participação também nesse processo de emancipação, né, que você é colocada, né, como que tava presente em várias atividades. Então eu queria que você falasse agora um pouco sobre essa questão, porque a emancipação, né, porque que você acreditava nisso, né, e tudo. Então contar um pouco essa história.

(MARINÊS) – É, você falou pra mim agora pouco uma expressão dizendo assim: “a gente quando a gente é jovem, a gente vive, depois a gente reflete né”. É, eu, eu tenho um dirigente de sindicato de oitenta e poucos anos, uma pessoa muito interessante que diz pra mim assim: “a juventude pode, mas a gente é que sabe, né”. É, então eu acho que hoje pra falar disso, eu diria o seguinte: eu termino a faculdade com 21 anos, né, entrei na Faculdade Nacional de Direito ao 16 anos, quer dizer tudo, tá tudo bem precoce, né, e eu entrei na faculdade porque afinal terminei o pré-vestibular, né, tinha que ir pra faculdade, porque eu queria mesmo era ficar com o pessoal do movimento secundarista que era minha praia e tal e eu era muito jovem, né, e e aí quando entrei na faculdade de Direito, é, como a gente fazia parte de uma grêmiação, eu entrei em 80, em 81, então ainda era clandestino, que eu me lembre assim era uma coisa bem reservada. Então, é, tinha uma coisa assim, tinha uma coisa assim, a gente tinha que sair do grupo com quem a gente reunia, é, do da sessão que a gente fazia parte, porque eu era do movimento secundarista, né. Então eu fui pro movimento universitário que era uma coisa que tinha um elã, uma pompa, uma substância, né, tem o meu cunhado, Luiz Alberto que era o presidente do Diretório Central dos Estudantes da UFRJ e tal e não sei o quê e “bá ba ba”. Só que eu não me adaptei, porque Marinês aos 16 anos, eu era uma espoleta, não é, eu era bem gordinha e ainda sou, mas assim, eu, essa imagem, eu sou grande, porque eu tenho que ser, eu sou gorda acho porque eu tenho que ser grande e eu falo muito e eu tenho um gesto largo, e não sei o quê. Então foi um choque, primeiro porque a faculdade de Direito era uma formalidade total, né. Eu, eu me lembro que eu usava umas saias rípes compridas assim até o pé e umas camisetas e eu cheguei lá e as mulheres todas usavam salto alto, eu nem sabia o que era salto alto. E depois eu não me adaptei com o pessoal do Movimento Universitário, porque eles ficavam horas falando sobre coisas que eu não conhecia, porque eu tenho que confessar que eu nunca li os clássicos que eles leram, naquela época eu não tinha lido nada de Lênin, Stalin, Max, eu não tinha lido. Então eu ficava meio perdida e barulho na rua que era o que eu gostava de fazer, eles não gostavam de fazer. Não é que não gostavam, eu to falando assim como me chegava, eu to falando com o que eu tinha na cabeça aos 16 anos. Eu queria agitação e eles tinham muitas reuniões e

debates. Então eu pedi pra mudar, pra sair e comecei a reclamar, tá ruim, que eu quero voltar pro secundarista e o pessoal dizia: “mas não pode, você é universitária”. Então alguém disse assim: “vai pra Nova Iguaçu”, aí a Marilurdes falou: “vambora levar ela pra Nova Iguaçu, pro MR8 de Nova Iguaçu.”

(FATIMA) – Por que a Marilurdes também participava?

(MARINÊS) – Participava em Nova Iguaçu.

(FATIMA) – Certo.

(MARINÊS) - Então pra não perder a Marinês que Marinês também fazia barulho quando tava descontente assim não tinha a menor paciência, tem que resolver logo, eu fui pra Nova Iguaçu. Fui pra Nova Iguaçu e aí lá chegando vou fazer política com o meu pai e com minha irmã que sempre foi um desafio enorme.

(FATIMA) – Mas seu pai não participava?

(MARINÊS) – Do MR8 nunca, mas assim dessa coisa da política né, é, é, é do MR8 nunca, mas assim dessa coisa da política. Então como a gente morava na mesma casa, Marilurdes também morava lá ainda, né, é talvez eu esteja embolando um pouco. Não, se ela não morava no meu pai, ela morava na Capitão Teles, tá certo, ou ela tava no meu pai ou ela tava na Capitão Teles. Houve um período que ela ficou no Valqueire, mas quando ela morou no Valqueire ela ainda tava com o Luiz Alberto e a atividade do Luiz Alberto era Movimento Estudantil e ela já era Nova Iguaçu, por isso que ela volta pra Nova Iguaçu pra morar na Capitão Teles. E aí foi uma coisa, é, assim mas porque imagina meu pai e Marilurdes, quer dizer, todos os dois assim absolutamente cheios de decisão e determinações e não sei o quê e eu absolutamente rebelde, não é. Eu não queria ninguém me mandando, eu queria o meu pai todo, queria minha irmã todo, mas não queria ninguém me mandando. Marilurdes veio com a coisa do MR8, não é, e meu pai vem com a coisa da emancipação, não é, é e e eu começo a acompanhar o meu pai, a emancipação pro papai era o seguinte: era Mesquita se libertar de Nova Iguaçu, é, ele dizia que a gente pagava os impostos e não tinha nenhum benefício, não é, e o meu pai ele uma pessoa extremamente inconformada com a miséria das pessoas, né. E uma coisa muito interessante que realmente entrou no meu sangue também né, essa coisa papai tinha um negócio que era o seguinte: “tá errado, tem que resolver, tem que mudar, entendeu, não tem aquilo ah não é o problema meu e tal, não, tá errado, tem que mudar”. E e Mesquita e tinha que emancipar Mesquita e eles tinham uma série, meu pai tinha uma série de informações, ele ia na Assembléia Legislativa, tinha um deputado lá que realmente no vou recordar aqui o nome, mas ele conhecia os limites da cidade. Fazia-se reuniões pra discutir os limites, porque haviam discussões onde acaba Mesquita, onde começava, papai sabia tudo e ele defendia que se Mesquita se emancipasse, a produção de Mesquita ia reverter para o povo de Mesquita, né. E era muito engraçado, porque no movimento de emancipação eu diria assim que e naquela época tinha muito isso, né, divergências nas esquerdas, também haviam divergências no movimento de emancipação, porque haviam uma, vamos dizer assim, um setor da sociedade de Mesquita mais, mais conservador e principalmente mais com maior patrimônio e que também falavam em emancipação, mas meu pai queria entrar na emancipação levando o povão, levando o pessoal pobre, as pessoas humildes e tal. E era muito gozado porque papai não tinha nada de político, papai chegava e dizia: “isso aqui tá uma porcaria, tem que mudar e não sei o quê, não sei o quê”, entendeu, não tinha aquela coisa.

As divergências das esquerdas na emancipação

Até a
da
emancipação,
Rogner

(FATIMA) – É por isso então que ele, na verdade, começou a organizar essa questão das Associações dos Moradores?

(MARINÊS) – É, eu acho que sim, e aí eu também vou registrar uma coisa pra você que era o seguinte: é o papai, é, ele via o poder das Associações dos Moradores, ele, ele ele via na FAMERJ de alguma maneira ele, ele acompanhou isso, e talvez o meu tio te dê mais elementos, mas ele também ia lá no Sergipe e via certas Associações lá. Então isso começou a entrar na cabeça dele como uma maneira de modificar a vida das pessoas, é havia um um uma coisa, uma organização, um órgão, uma uma Frente de Emancipacionistas, mas tinha muito político, muito assim vereador ou tendendo. O Paixão é uma figura que o meu pai tem uma divergência profunda.

As associações entram em cena

(FATIMA) – Mas nessa época o Paixão não participou?

(MARINÊS) – Não, não participou, mas eu sempre ouço isso assim, porque fulano era ligado ao Paixão, papai tinha isso: “não fulano diz que não é, mas é ligado, todo mundo junto e não sei o quê, fulano é dono de cartório, cicrano não sei o quê, tá todo mundo querendo tirar proveito”. Então ele, ele, ele se vira pra essa coisa das Associações e ele faz isso como se fosse assim uma obstinação, né, e interessante que também o MR8, eu é na época eu acho que via isso como uma restrição porque tinha que fazer a tal da política entendeu e meu pai não queria fazer a tal da política. Primeiro que ele não, ele várias vezes foi convidado nas reuniões do MR8, mas ele não queria e ele, ele sempre achava que os políticos é uma conversinha assim, entendeu, tem que falar a verdade, né, é eu hoje atualmente até eu falo pro meu marido que às vezes eu acho que eu to tão parecida com ele, né, porque eu hoje também quero a verdade, vamos falar a verdade aqui e tal. E papai tinha isso e você sabe que às vezes na política você não fala a verdade. E o eu acho que um aliado do papai nesse negócio do do do da vontade das Associações é um padre, Valdir? É Valdir o nome dele, o padre da Igreja de Mesquita?

(FATIMA) – Era o Valdir.

(MARINÊS) – Padre Valdir. Igreja de Mesquita que de alguma maneira, é, porque o papai ele não era, minha mãe era católica assim praticante e tal total, mas o papai ele se ligou à Igreja desde a época de Dom Adriano Hipólito, Marilurdes e eu fomos catequistas de crisma de Dom Adriano, então a gente acompanhou aquela coisa de ele ser seqüestrado e tal. E aí papai se aproxima lá e a Igreja também tinha interesse em apoiar esse trabalho das Associações porque ficou uma coisa muito interessante, porque montava a Associação e montava a comunidade religiosa.

Aproximação da igreja

(FATIMA) – Certo.

(MARINÊS) – Então tinha, é, foram várias as Associações que foram montadas, é, assim algumas junto com a Igreja, outras não. Se a pessoa lá não tinha, papai também não obrigava, mas eu to dizendo: quando tinha somava forças e organizava. E aí o papai defendia nas Associações que o trabalho das Associações era a emancipação de Mesquita, era emancipar pro povo ter direito à rua, à esgotamento sanitário, ter direito a posto de saúde, essa era a proposta dele, né.

Associações e Emancipação

(FATIMA) – E você se lembra da sua participação nas na Associação de Mulheres Fluminenses? Como é que você chegou até lá e o que, o que que a Associação, como é que a Associação contribui, participou nessa luta da Emancipação?

(MARINÊS) – Olha só, essa coisa das mulheres, aí vamos dizer dentro dessa coisa do MR8, já é é, já é uma outra mudança, né, porque aí eu termino a faculdade, não é, é e também houve mudanças no MR8, porque várias pessoas saíram em 85 já não faziam mais parte e muitas pessoas, várias não, muitas pessoas saíram. Aí eu me lembro que houve um determinado momento que eu fiquei, não é, e aí é agora vai fazer esse trabalho de mulheres, isso foi uma novidade pra mim, porque eu tava casada, né, e e quando a gente casa é que eu acho que passa essa coisa, deixa, a gente deixa de ser filha, né.

(FATIMA) – Mas já, já em 86?

(MARINÊS) – Não, não, eu não era casada.

(FATIMA) – Não.

(MARINÊS) – Não, não era casada. É, não, então vamos voltar, perdão, tá certo, em 86, agora eu peguei o fio, em 86 era o governo do Sarney, eu acho que tinha Sarney, porque tinha um negócio chamado Programa Nacional do Ticket de Leite.

(FATIMA) – Hummmm, isso mesmo.

(MARINÊS) – E aí com essa coisa do meu pai, montando as Associações o papai consegue cadastrar as Associações e aquilo dava uma trabalhadeira do cão, porque tinha o tal do livro, tinha umas tais de ficha que tinha que apresentar, que levava lá na Secretaria e que tinha que ter presença e tinha que ter palestra, aí sim começou a encaixar. E eu comecei a ajudar porque realmente se dá com aquelas mulheres nas Associações era uma delícia quer saber, o tempo bão danado sabe? Meu marido ri de mim porque tem uma feira aqui na rua quinta-feira e eu faço o possível e o impossível pra ir pra feira, assim eu atraso no trabalho, dou um jeito. Eu adoro ir a feira e eu conheço já os barraqueiros e eu converso e eu ia muito na feira de Mesquita com o papai. Mas eu acho que a gente conversar com esse povo é simples, com as mulheres é uma delícia, porque tem tanta sabedoria e você fica à vontade e aí eu é, como tinha muita mulher, né, no Movimento de Associações, então papai me empurrava, porque como é que ele ia visitar a dona Joaquina, os nomes assim eu to chutando, no morro ele um homem vai chegar lá na casa. Eu me lembro que ele dizia: “vamos Marines” e aí a Marilurdes já não era do MR8, já não fazia mais política.

a participação das mulheres

(FATIMA) – Ah, já não fazia mais.

(MARINÊS) – Não fazia mais. Então ia lá a Marinês, entendeu? E eu ia pra papai fazer o discurso e eu fazia a liga com a mulher, né, que aí eu conversava e tal e e até uma coisa muito interessante que hoje as pessoas ainda falam: “ah, a Doutora Marinês é tão simples, é tão não sei o quê lá”. Como se eu tivesse que ter uma coisa, uma uma coisa empolada porque sou advogada, né.

(FATIMA) – É, as pessoas tem isso.

(MARINÊS) – Eu atualmente sou advogada há 20 anos, mas eu continuo assim: se precisar sentar e conversar com a cobradora de ônibus assim sobre o processo e depois sobre o filho dela, sobre a casa dela, sobre o pré-natal, sobre não sei o quê. Então eu vou me aproximando dessas mulheres, tem as entregas dos tickets de leite e tem que fazer palestras porque o programa exigia e a gente começa a levar um pessoal do sindicato das parteiras, então elas me levam pra esse negócio da

Federação de Mulheres e aí por isso então o MR8 foi lá, então ela pode fazer esse trabalho. Eu monto essa Associação de Mulheres de Mesquita com essas mulheres das várias Associações, entendeu, então a Associação de Mulheres de Mesquita tem mulher da comunidade, da Associação de São Lucas, é, de uma Associação Santa Terezinha, tem uma lá a Associação do Alto Uruguai.

9

Associação
das
Mulheres
↓
emamparadas

(FATIMA) – Do Alto Uruguai.

(MARINÊS) – E, e e e é depois a gente tem uma aí com as mulheres da Capitão Teles e as reuniões eram uma delícia né, porque a gente levava uma médica pra fazer uma palestra, um sanitarista e não sei o quê e também tinha sábado que a gente se encontrava, e conversava fiado e a gente fazia festa, a gente limpava terreno e fazia festa junina, entendeu? E e foi um período muito forte.

(FATIMA) – Você se lembra desse Comício da Praça Manoel Duarte na emancipação que aconteceu?

(MARINÊS) – Em que ano que foi?

(FATIMA) – Foi em..

(MARINÊS) – 87.

(FATIMA) – 87. Que foi nessa campanha toda.

(MARINÊS) – É, tiveram uma (...) Gilberto Rodrigues, Jardânio de Oliveira, Aluizio Gama, Nelson e Nuzada, Mário e Vasconcelos, Edson Nobre.

(FATIMA) – Esse é mais o pessoal..

(MARINÊS) – É, que eu tava querendo ver se eu via o nome do tal deputado Estadual que era um cara que ajudava muito. Olha, eu não to lembrando desse Comício não.

(FATIMA) – Não né?

(MARINÊS) – Eu tenho pra mim, Fátima, que quando juntava muito político assim não era a praia do papai não.

(FATIMA) – É né?

(MARINÊS) – É, inclusive eu me lembro... Eu acho que agora eu situaria da seguinte maneira: o seu Helio Mendes de Amaral, porque eu me lembro que naquela época tinha uma discussão de quem era o pai da emancipação, né. O seu Hélio Mendes do Amaral era uma figura assim, vamos dizer, que ela resolveria esse problema pelo lado do tempo, porque de todo mundo ele era o mais velho, mais velho que o meu pai. Então se por longevidade resolveria esse questão do do Seu Hélio Mendes do Amaral ser o pai, mas tinha, mas aí por outro lado não. Por que? Porque o Seu Hélio Mendes apesar de ser o mais antigo ali naquele grupo, ele fazia essa relação com esses políticos, por exemplo, esses vereadores aqui eram todas as pessoas que o meu pai, porque o meu pai não achava, o o, aí veja só: o mesmo tempo aconteceu umas reuniões no centro de Mesquita que eram reuniões pequenas em número de pessoas, mas que tinha, vamos dizer assim, uma representação, tinha dona de escola,

Hélio Amaral
→ relações e/ou
os políticos

tinha vereador, tinha não sei o quê e nessas em geral a gente não ia. E tinha as reuniões grandes, porque papai fazia grandes reuniões, assembleias com 30, 40 pessoas no aí nos bairros, lá dentro da Chatuba, lá lá naquela região onde mora o Seu Milton.

(FATIMA) – Ele correu com as Associações também?

(MARINÊS) – Também, a gente fazia, fim de semana tinha roteiro de visita e tal, e então esse movimento do de emancipação do papai eu diria que ele tinha um cunho, ele tinha mais penetração no povo, não é, nas figuras do povo e ele não tinha uma vinculação com esse outro grupo entendeu? E só veio surgir depois, porque aí eu to amadurecendo e o pessoal do MR8 falava muito comigo, tem que conversar com o seu Regner, pra unir a pessoa, pra todo mundo se unir numa coisa só e tal. E aí o papai dizia: “mas minha filha político é tudo safado e não sei o quê”. Aquela coisa, né, e e aí eu me lembro, aí sim, d’eu fazendo essa ponte, talvez como a Presidente da Associação de Mulheres de Mesquita.

(FATIMA) – Conta um pouco isso.

(MARINÊS) - Eu fazendo essa ponte, eu me aproximando, eu me lembro de conversar com o José Richuen, com o Luís Pereira, com o Framíneo, porque tem uma hora que eu viro - eu viro ? – que eu sou eleita Secretária Geral do PMDB de Nova Iguaçu, eu pulei, né, eu fui até diretora do MAB, mas essa coisa de ser diretora do MAB é lá atrás, agora nós já passamos né. Eu fui Secretária Geral do PMDB de Nova Iguaçu eu acho que nesse período por que? Porque eu não era casada, eu era solteira, olha só, você vai me ajudar. O o prefeito Paulo Leoni tinha sido cassado.

(FATIMA) – Tinha.

(MARINÊS) – E quem assumiu como interventor foi o Chico Amaral.

(FATIMA) – Chico Amaral.

(MARINÊS) – Isso, então é nesse período que eu sou a Secretária Geral do PMDB de Nova Iguaçu. Por que? Porque em Mesquita o meu pai tinha um trabalho enorme, não é, e esse trabalho é que era dele na formação das Associações de Moradores tem uma parte que é minha na nessa coisa das mulheres. A gente fazia umas reuniões no Clube, Mesquita Footbaal Clube com muita gente, com muita mulher, entendeu, e a gente sempre dava palestra, dava orientação. A gente fazia reunião no Posto de Saúde de Mesquita, então o Nielsen Lousada que eu acho que era candidato a deputado, alguma coisa assim é, foi reinvidicado ele uma vaga pro MR8 e aí foi muito gozado porque pela primeira vez o MR8 iria estar na executiva do PMDB de Nova Iguaçu e o nome fui eu, né. E eu muito jovem, muito jovem, eu devia ter 22, 23 anos e foi uma executiva que era: Nielsen Lousada, Francisco Amaral, Jorge Gama, Oswaldo Lima, João Batista Nobal. Então isso me deu uma projeção claro e portanto eu podia ir à Mesquita e defender a emancipação e aí já freqüentar essa área aqui entendeu, essa área mais política e tal, mas o trabalho do papai, aí eu fazia(...), o meu pai não. Aí o trabalho do papai era um trabalho de de panfletagem, de camiseta, né. Eu te falei essa coisa da camiseta, meu tio Jackson, a gente vai ter que falar com ele, mas ele dizia que, porque uma coisa que eu quero falar com você, que eu não sei se deixei claro que é o seguinte: a SAMES, na ata de fundação da SAMES tá escrito que um dos objetivos da SAMES é lutar pela emancipação de Mesquita.

(FATIMA) – Você tem isso?

*movimento
político
em
apenas*

(MARINÊS) – É, eu procurei muito aqui e não localizei, vou procurar de novo, mas se eu não achar a original, tio Jackson deve ter a cópia. Então essa é uma das motivações, acho que é 1956 alguma coisa assim.

(FATIMA) – Da SAMES?

(MARINÊS) – É, não é não?

(FATIMA) – Não porque a SAMES ela, só se ela foi, é porque ela foi recriada nesse período.

(MARINÊS) – É, não mas ela é “antiquíssima” .

(FATIMA) – Tá, então ela é antiquíssima e aí depois o Seu Regner reativa a SAMES.

(MARINÊS) – Reativa ela. Ah sim, uma outra sugestão que eu queria te dar, eu não sei se isso é viável, é eu até me disporia a lhe ajudar nisso porque já, achar isso registrado em cartório, porque isso tudo tava registrado em cartório, não é, talvez se a gente botar uma pessoa lá no cartório daquele fuçando. Mas ela foi criada e aí ela para, porque quem cria a SAMES é o meu tio Jackson, quando o meu tio Jackson tá em Mesquita. O meu tio Jackson foi candidato à vereador pelo PTB, aí nós voltamos de novo lá pra trás.

(FATIMA) – Sei.

(MARINÊS) – Ele foi perseguido.

(FATIMA) – Em que época, em que ano você não sabe?

(MARINÊS) – Ah, vamos lá, lá atrás. Lá atrás isso, é, vamos dizer, antes, antes de vamos ver, antes do, do Jânio, foi no Jânio? Não tinha negócio de PTB naquela época?

(FATIMA) – Tinha, tinha.

(MARINÊS) – Então, e ele foi perseguido, entendeu, quando então ele faz concurso, veja meu tio foi pra Brasília, pra fundação de Brasília.

(FATIMA) – Em 1960.

(MARINÊS) – Então veja, então por isso que eu to falando, é 56 e tal, porque aí ele vai pra fundação de Brasília, ele passa no concurso e vai pra lá, meu tio foi Procurador do Ministério da Justiça quando o Ministro era o Abiaquel, oh como isso é antigo pra caramba. Então a SAMES fecha.

(FATIMA) – Tá.

(MARINÊS) – E depois o papai reabre a SAMES, porque houve um período que papai, que a dedicação do papai na comunidade era a escola, não é, então isso é 67,68,69.

(FATIMA) – Ele não era envolvido com essa questão da emancipação?

(MARINÊS) – Não, não era, não tinha.

(FATIMA) – E essa coisa de que foi o seu tio que o convenceu? Você sabe alguma coisa disso?

(MARINÊS) – Não, nunca nenhum, nunca nenhum dos dois me falou isso não.

(FATIMA) – É?

(MARINÊS) – O que eu sabia era que eles trabalhavam muito juntos disso, né.

(FATIMA) – É?

(MARINÊS) – Eu diria o seguinte: o meu tio era o mentor.

(FATIMA) – Tá.

(MARINÊS) – Porque o titio, tio Jackson é uma figura incrível, ele é um cara muito culto, muito estudioso, ele escreve poesia e ele inclusive tá tá reunindo memórias pra escrever um livro sobre o meu pai, né, dentro dessa idéia de que meu pai é que deu vida à eles de novo, depois de minha avó. E, e papai, o titio era o mentor, mas o titio era o intelectual certo? Mas quem amassa o barro é o papai, né, não, não to fazendo nenhuma crítica, to dizendo é assim, é assim.

(FATIMA) – Não, não era, é, não é questão de operário

(MARINÊS) - Então tanto que era muito engraçado, eu me lembro disso o seguinte, ah, o símbolo da emancipação e isso é uma coisa histórica é o triângulo, é um triângulo escrito: “Duquor non Duquor”. Isso é uma expressão latina.

(FATIMA) – Você não tem nada, você não tem algum desenho disso?

(MARINÊS) – Eu posso ver se Marilurdes tem ou se tio Jackson tem. Agora, de repente até uma daquelas mulheres vai ter. Mas o que era engraçado era o seguinte: que aí eles resolvem isso e isso é impresso numa camiseta.

(FATIMA) – Mas em 87 ou mais nos anos 50?

(MARINÊS) – Não, não, em 87 comigo na Associação de Mulheres. Então o meu tio bola, o meu pai agita.

(FATIMA) – Mas ele já tá em Brasília?

(MARINÊS) – Isso, meu tio tá em Brasília, mas ele vem a Mesquita, ele, ele tá mais jovem, ele vem dirigindo, né, ele vem dirigindo e vem à Mesquita. Então essa camiseta é feita e aí essa camiseta vem pra mim porque papai era o grande líder do negócio e eu era a a ba-banda, né, de animação. E aí eu levo as camisetas pras mulheres e eu me lembro que as mulheres diziam: “diabo é tu com non Duquor”. E eu me lembro de uma, a Madenzia uma figura que morava ali na rua Regina, era a minha vizinha e elas diziam assim: “Duquor non Duquor” e eu e eu ficava meio assim, mas não

podia contrariar o pai, por que como é que você vai contrariar o pai? Você é filha porra, entendeu? E eu já era bastante, porque eu já era, eu já queria dar mil idéias, então a camiseta era assim, essa era a camiseta da emancipação, era esse “Duquor non Duquor” e e as reuniões eram muitas e e tinha uma coisa e tinha uma coisa que eu acho que é o seguinte: você é é não era uma coisa também apoiada pelas esquerdas organizadas e nem pelo MR8, não é.

(FATIMA) – Não era?

(MARINÊS) – Não, não, porque nesse MR8 que, que vamos dizer assim, que que fica depois que há bastante divergência, e muitas pessoas sabem, as pessoas resolvem assim apoiar a estratégia do seu Regner porque o seu Regner era um grande líder e tal e tal e porque também eu tinha uma ligação enorme com ele, né, mas no fundo o problema era o seguinte: é porque eu acho, aí eu vou dar uma opinião minha, pelo o que eu sentia, as esquerdas estavam preocupadas com a luta política que tinha mais geral e o pessoal achava que aquilo ali, é diluía energia, diluía força, entendeu.

Por que as esquerdas não abraçavam a causa da emancipação?

(FATIMA) – Na verdade eu fazia parte dessa esquerda que era contra.

(MARINÊS) – Exatamente.

(FATIMA) – E o que que se falava, quer dizer, na verdade era uma fala muito vinda de Nova Iguaçu que a criação de Mesquita, emancipar Mesquita era criar mais um feudo porque a gente tinha a visão destes políticos e aí era contra na verdade.

(MARINÊS) – Exatamente.

(FATIMA) – Até hoje quando eu vou entrevistar algumas pessoas, todo o pessoal que foi contra é com essa intuito, quer dizer, o pessoal queria criar um feudo e já que não tinha espaço em Nova Iguaçu, queria criar um feudo para si e tinha muito esse pensamento, essa parte da esquerda.

(MARINÊS) – Isso é, eu acho que isso, eu acho que por exemplo meu pai, por exemplo, também achava isso e por isso não freqüentava esse grupo dos políticos, mas meu pai achava que o povo ia arrebentar a cerca e ia se impor. E eu, e eu quero dizer assim é com modéstia, é, porque assim, por causa desse meu vício da verdade, eu quero dizer a você Fátima o seguinte: olha é uma mobilização popular intensa, sabe, eu me lembro que a minha vida sábado, domingo era visitar aquilo e era gente que não acabava mais, era reunir aquelas mulheres, o meu pai tinha uma liderança enorme e tinha uma coisa de luta assim “vamo lutar”. Isso que hoje tá codificado assim como cidadania, não é, naquela época não tinha esse código

(FATIMA) – Não.

(MARINÊS) – pra chamar essa luta, mas essa luta existia e as pessoas diziam: “Mesquita vai emancipar e vai melhorar porque o povo vai ter as coisas”, porque na verdade aí já com uma visão que eu tenho hoje, quando a pessoa consegue se dar conta que ela tem direito a essas coisas, ela fez a metade do caminho. Aí depois ela começa a lutar pra chegar nas coisas, porque quando a pessoa acha que nem tem direito aquilo, então ela não vai entrar pra lutar porque ela não sabe se aquilo é direito dela. Eu fico até arrepiada falando nisso e o meu pai ele tinha essa mensagem, essa era a mensagem dele: “Oh, nós temos direito, como é que pode pagar imposto com essa rua, essas calçada?”. Você lembra, né, Chatuba aquelas balas a céu aberto, aquelas crianças, Santo Elias.

(FATIMA) – Santo Elias, aonde eu morava.

(MARINÊS) - Quer dizer, uma coisa realmente, não é. E eu me lembro que a a gente, nós as filhas dele, estudando, a gente se formando e eu voltava pra casa e eu me lembro que isso mobilizava muito, meu Deus isso não melhora, entendeu. Quando eu fui eleita a Secretária Geral do PMDB meu pai não gostou disso não.

(FATIMA) – É fala um pouquinho disso.

(MARINÊS) – É, papai não gostou disso não, papai dizia: “você e esses políticos aí” entendeu, mas aí já era com essa idéia de entrar nessa área e transformar, entendeu. Eu eu eu sinto assim o seguinte: eu era muito jovem, né, e eu tinha uma disposição muito grande, uma animação muito grande e e como você falou, né, a gente não refletia, a gente vivia isso, né. E eu quero dizer a você que eu fui uma Secretária Geral do PMDB assim absolutamente elogiada, porque eu fui indicado pelo Nielsen e eles, os grupos esses caciques, eles tinham uma divergência enorme entre si. Eu não fui indicada pelo Chico Amaral que era a pessoa que falava, que tinha uma passagem na esquerda ou pelo Jorge Gama que era mais perto, né. E eles tinham uma desconfiança enorme entre eles, eu me lembro que que houve uma discussão com relação a negócio de ficha de criação e foi feita uma reunião à porta fechada com esses homens todos e eu presente e houve uma dúvida, e quando eles me deram a palavra eu mostrei: “olha, taqui as fichas e não sei o quê, o arquivos.” Foi a primeira vez que o PMDB em Nova Iguaçu teve uma Secretária, o ^{Cubano} Hugo Banco era presidente do PMDB e eu era Secretária Geral e ele mesmo dizia, todo mundo dizia que isso era impossível, que você era comunista, era uma maluca.

(ENTREVISTA INTERROMPIDA)

(FATIMA) – Parou um pouquinho.

(MARINÊS) – Então é é como Secretária Geral do PMDB havia uma idéia de que havia um conflito, mas primeiro que não houve, é, eu acho que primeiro tinha muito a ver assim comigo, né. Então houve essa coisa da ficha de criação e eu me lembro que isso ficou na minha cabeça e que eu demonstrei tudo: “olha tá tudo aqui e tal, eu tinha os officios”. Primeira vez que o PMDB de Nova Iguaçu tinha os seus registros dentro do partido as fichas ali e eu me lembro que nessa reunião assim foi, vamos dizer, acabou aquele tabu, todo mundo viu e eu me lembro que eu cheguei a falar isso com aquela arrogância que a gente pode ter aos 22 anos, né, que na minha Secretaria Geral não ia ter ‘xavecagem’, né, aí é a boca do seu Regner, porque o seu Regner não fazia ‘xavecagem’, se ele não gostava, ele dizia: “olha, não gosto de você”, mas ele não ia armar uma trapaça pra você. Então, então a partir dali eu passei até ter uma, uma, uma, assim uma projeção entre aqueles caras, os caras passaram a me respeitar e a gente tinha um discurso e eu também já era advogada e eu acho que até o Chico Amaral que tinha receio, né, porque a gente quando é jovem e é de esquerda, o Chico diz: “Meu Deus do Céu, vai tacar fogo”. Depois a gente até se aproximou muito e uma amizade grande também com o Nielson, enfim com todos eles ali, né, porque você foi conquistando o respeito e isso não era uma coisa que meu pai gostasse, porque o meu pai queria a gente ali no povo, mas eu também fazia esse trabalho, né.

(FATIMA) – Você disse que tinha a esquerda organizada, era essa até não concordava com isso e tudo. Você fala um pouco mais disso, quem é que vocês localizavam, quem é que e o próprio MR8, né, mas na verdade você seguiu, embora estivesse no MR8, você seguiu uma tradição de emancipação.

(MARINÊS) – É.

(FATIMA) – Oriunda de seu pai, quer dizer, conta um pouco isso, quer dizer, quem é que você, você, né, conseguiu localizar como oposição a esse movimento de emancipação?

(MARINÊS) – Mas em que, em que...

(FATIMA) – Nesse período.

(MARINÊS) – É, mas em que coisa, na esquerda assim?

(FATIMA) – Não, as forças lá de Mesquita que você podia localizar que eram contrárias à emancipação.

(MARINÊS) – Ah, as forças de Mesquita. É, eu eu eu acho o seguinte: quem era contrário assim na sociedade, é porque tinha uma pretensão política que envolvia Nova Iguaçu, né. É.

(FATIMA) – Você tá falando dos políticos?

(MARINÊS) – Dos políticos, é dos políticos.

(FATIMA) – Quem você poderia lembrar?

(MARINÊS) – É você falou do Paixão, é, esses políticos todos de Nova Iguaçu ninguém apoiava isso, o Nielsen apoiou isso, o Nielsen apoiava essa luta da emancipação, mas esse era o discurso que que os caras tinham pretensão, por exemplo, esses caras que eram federal. Eu não sei, eu não consigo localizar bem.

(FATIMA) – Isso foi, a política, a esquerda.

(MARINÊS) – É na esquerda, por exemplo, vamos voltar lá na época do MAB, né, na época do MAB que o meu pai participou do MAB, tinha a 5ª Regional de Mesquita.

(FATIMA) – Nós participamos né.

(MARINÊS) – É, você participava, era lá naquela Igreja, naquela sala da Igreja na escadaria do lado esquerdo assim. É esse pessoal tinha essa visão dessa coisa de que é mais um feudo e eu sinto que, por exemplo, na parte da MR8 tinha coisa da dispersão, isso é uma dispersão, entendeu. O MR8 naquele época ele era muito grande, né, é você tem o Antonio Ivo que foi candidato a prefeito numa sublegenda do PMDB, o MR8 tinha um trabalho grande no MAB, a Lúcia Souto, é é é.

(FATIMA) – Jucéia. *Dilceia*
Dilceia

(MARINÊS) – A Jucéia, é tinha uma senhora baixinha de cabelo louro.

(FATIMA) – Zuleika.

(MARINÊS) – A Zuleika que eram pessoas assim exponenciais, mas por exemplo, não eram pessoas com quem meu pai se desse. E que não viam muita coisa nessa luta da emancipação, entendeu. Eu acho assim que o que tinha, o que era difícil era trabalhar com uma pessoa que não quer se organizar, porque a esquerda como vivia uma situação de dificuldade, porque não podia, não tinha democracia pra expor as suas teses livremente, precisava tá organizada não é. Então você lembra disso, como tinha, todo mundo tinha caderno pra anotar as coisas, pra ‘blá, blá, blá’. E meu pai, meu pai era, vamos dizer assim, ele tinha um sentimento anárquico, então organizar e se submeter pra ele era uma desgraça, entendeu. Por exemplo, eu vou falar uma coisa aqui, eu to exemplificando isso pra você, agora no inventário nós estamos tendo alguns problemas e conseguimos resolver o problema da escola, você vê, o meu pai conseguiu montar uma escola, construir um prédio, e foi lá dá a boa história e nunca pagou imposto, “porque imposto é pra político safado e eu não vou pagar”, tá certo, eu acho que não tem nada mais radical do que isso. Eu acho que se reunisse toda a esquerda, o pessoal não ia barrar senão ele.

(FATIMA) – É verdade.

(MARINÊS) – E isso era uma coisa anárquica né.

(FATIMA) – É.

(MARINÊS) – Então eu acho que por isso tinha alguma dificuldade. Agora eu, na minha sensação ao longo do tempo, é, tem uma hora Fátima que ninguém mais é contra a emancipação, tem uma hora que até o Paixão é pela emancipação, porque falar contra a emancipação era uma coisa inconcebível, ah porque veja só tinha.

(FATIMA) – O PT era no início tinha uma parte que era a favor, lá era tudo dividido, porque eu to me lembrando né, que eu fazia parte de uma parte que era contra, do outro lado porque tem a coisa do outro lado que era menos ligado, que é o outro lado, era o lado que você morava também e tinha o pessoal que tava junto brigando pela emancipação

(MARINÊS) – É porque porque, é como é que a pessoa argumentava, vamos dizer, como é que se argumentava pro povo pra dizer que não era bom? Você não podia dizer pro povo, olha isso vai dividir a esquerda, olha isso vai criar um feudo dos políticos, o povo não ia entrar. Então tinha que dizer pras pessoas o seguinte: “olha, não adianta emancipar que Mesquita não consegue sobreviver”, mas esse era um discurso de baixa estima, aí é difícil ganhar gente assim com esse discurso: “olha, não tem jeito, porque nós vamos ficar é nisso mesmo”. Então aquilo discurso de empolgação do seu Regner de lutar pra gente ter direito às coisas terminava empolgando mais, entendeu, eu acho que que..

discurso da emancipação

(FATIMA) – Você lembra da atuação do PCB em Mesquita nessa época?

(MARINÊS) – PCB, vamos ver, PCB quem seria? Mesquita tinha uma tradição grande desse negócio de comunista.

(FATIMA) – É, é.

(MARINÊS) – Mas quem seria?

(FATIMA) – Dona Geralda do BNH, filha dela Regina.

(MARINÊS) – Dona Geralda do BNH, exatamente, eu lembro dela, eu lembro dela, mas eu acho que ela não, não participava da emancipação não. Eles, acho que eles não entravam nesse trabalho.

(FATIMA) – Tem um senhor que eu entrevistei, seu Souza da Chatuba, só que eu acho, ele falou muito contra, falou que era contra, né, mas que depois o PT era as forças que lutavam com ele contra era o PT que depois ficou a favor. Foi muito interessante assim essa, esse depoimento dele, que é um depoimento contra. Ele é militante até hoje, ele tem 80 anos, sabe o seu Regner organizado?

(MARINÊS) – É ele.

(FATIMA) – Ele me disse, eu vou falar porque não verdade eu to interagindo aqui, ele me deu uma entrevista belíssima, né, e ele me disse o seguinte: que ele tem uns lugares, ele fez auto-defesa, ele foi líder sindical da light e que ele não ia me contar até hoje aonde ele se escondeu porque ele poderia precisar, né. Ele tá lá e.

(MARINÊS) – Cautela e caldo de galinha.

(FATIMA) – Isso, e ele fazia até hoje, tem lá na casa dele na Chatuba né. Foi-se o martelo, ele apoiou os candidatos do PT sob pena de ser, é, o partido repreender ainda né porque.

(MARINÊS) – Repreenderam né?

(FATIMA) – Repreenderam porque ele é militante.

(MARINÊS) – É.

(FATIMA) – Participou de todos os congressos. E ele é uma pessoa completamente, esse discurso até hoje existe. Ele continua com ele, né, mas já foi emancipado, mas ele continua, por isso que eu to te perguntando porque é eu não consegui localizar muito, né, essa fala do PCB, acho que tem essa fala da acho que era organizada nesse processo que aí eu me recordo muito, mas o PCB eu não consigo e o Seu Souza vem com essa fala, mas ainda tava um pouco obscuro, né.

(MARINÊS) – É, eu posso sugerir a você, não sei da possibilidade, mas Marilurdes ela, aí ela teria uns nomes mais antigos, mais assim, mais pra trás do que eu em relação a essas coisas, mas assim eu envolvida na emancipação neste trabalho mais popular junto às Associações de Moradores e a Associação de Mulheres que cresceu muito, é, tem uma hora que eu virei Presidente da Federação de Mulheres.

(FATIMA) – Sim, é.

(MARINÊS) – No Congresso é que tinha quase mil mulheres na UERJ, né, foi uma coisa assim impressionante que nem eu entendi. Foi o dia que eu chorei desesperada, né, e e e o que, veja só, eu vou fazer o link pra dizer o seguinte: eu não me lembro nessa luta emancipacionista com Associações de Moradores, com mulheres da, de, de militantes de esquerda atuando, entendeu, nessa parte mais popular. Então tinha dois segmentos como se fosse assim: os primos, os primos ricos e os primos pobres, os ricos eram esse grupo dos políticos e tal no centro de Mesquita e os primos pobres

eram o o povo, né, e e na verdade é é, quando você me pergunta assim, aí não tinha e eu vou apoiar o meu pai e eu vou seguir o meu pai, é eu acho que é meio uma coisa de ir atrás do povo, entendeu. O pessoal do MR8, é eles, é, algumas pessoas chegaram a dizer pra mim que ficavam impressionados como eu aglutinava mulheres, veja eu também ficava, o que dirá eles e e porque eu tinha um jeito de falar, porque eu nunca tive aquele discurso, nunca tive, né, e realmente agora não vou ter mais, mas assim aquele discurso assim que você, a gente diz assim: “fulano vai passar a linha, né, vai fazer o discurso da oposição”.

(FATIMA) – Tá, certo.

(MARINÊS) – Nunca foi, meu discurso sempre foi uma coisa mais solta, mais não sei o quê e ‘pi,pi,pi’ e aí eu viro presidente é da da Federação de Mulheres porque tem um trabalho enorme de mulheres.

(FATIMA) – Nesse período?

(MARINÊS) – Não, não, primeiro eu viro Secretária Geral nesse período, a presidente da Federação de Mulheres é uma mulher aqui do Rio chamada Georgina Queiroz que foi da FAMERJ.

(FATIMA) – Ah sei.

(MARINÊS) – Eu viro Secretária Geral com esse trabalho que é é que é o núcleo dele é Mesquita e aí ele extrapola um pouquinho, ele vai a Belford Roxo, vai a a Nova Iguaçu, e tinha aquele negócio de encher ônibus, né, porque eu tinha uma facilidade pra encher aqueles ônibus pra ir e tal. E eu tinha uma coisa de cantar, sabe, de cantar, né, porque não tinha o negócio da esquerda fazer palavra de ordem? “Não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê”, era muito bom também, eu fazia. Mas assim eu Marinês quando ia interpretar aquilo eu tinha um negócio de cantar, inventar umas músicas, umas músicas, que eu pegava uma música que as mulher canta, uma música popular e botar uma letra com as coisas que a mulheres iam lutar, entendeu.

(FATIMA) – Tá.

(MARINÊS) – E isso era um negócio que que que não sei, eu também nem sei explicar, né, eu também não sabia muito explicar, é é é e acho que até tem uma hora que aí eu me afasto do MR8 porque nem as pessoas mas conseguem aceitar, porque eu acho que quando a gente vai amadurecendo a gente começa a sentir que isso faz parte da gente, a gente também não quer mudar, aceitar essa coisa que era uma coisa mais, assim menos organizada, menos hermética, entendeu, eu não sei bem explicar como é isso. Mas é é esse Congresso na UERJ, aí eu já to casada, não é esse período.

(FATIMA) – Agora o plebiscito, você lembra do dia do plebiscito, porque teve a luta toda e esse plebiscito foi em 87.

(MARINÊS) – Foi, foi. Eu lembro, o que assim imagem forte na minha cabeça do plebiscito são as mulheres todas com essa camiseta, essa camiseta é..

(FATIMA) – No dia do plebiscito?

(MARINÊS) – No dia do plebiscito é, “Duquor non Duquor”, ela era branca.

O dia do plebiscito em 87

(FATIMA) – É “Duquor” ?

(MARINÊS) – “Duquor”, se eu pudesse escrever aqui, posso, posso escrever aqui?

(FATIMA) – Pode.

(MARINÊS) – Ele era assim, ele era assim: “Duquor non..”, se você achar alguém que fale latim, mas eu não fazia latim, “Duquor non Duquor”.

(FATIMA) – É, e que cor aqui dentro do triângulo?

(MARINÊS) – O triângulo era branco, isso aqui era azul, eu acho, eu acho que o triângulo era azul e as letras eram vermelhas, as letras eram vermelhas ou azuis, isso aqui não, ou era azul ou vermelha. Isso aqui, isso aqui.

(FATIMA) – Vocês não tem, você não tem nenhum retrato né?

(MARINÊS) – É capaz de Marilurdes ter uma camiseta, sabia?

(FATIMA) – É ?

(MARINÊS) – É, ela é danada, é. Esses dias eu fui na casa dela em Juiz de Fora, ela tem uma camiseta da primeira candidatura dela de vereadora.

(FATIMA) – É.

(MARINÊS) – Marilurdes guarda tudo lá, parece museu.

(FATIMA) – É.

(MARINÊS) -É, é capaz de ela ter uma camiseta, agora meu tio deve ter também isso, porque isso é antigo, isso é um negócio do início lá que ele trouxe.

(FATIMA) – Deve, do início, tá, tá bom.

(MARINÊS) – Aí eu lembro das mulheres com essa camiseta, eu lembro que papai bota uma placa bem grande na rua Regina ali na casa, tem uma mesa ali na rua Regina pra gente fazer, fazer é assim convocar as pessoas e chamar as pessoas pra ir, né, fazer uma mobilização, né, e eu me lembro disso sim.

(FATIMA) – Lembra da apuração do plebiscito?

(MARINÊS) – Não, eu me lembro da apuração.

(FATIMA) – E depois, a avaliação por que que não deu quorum?

(MARINÊS) – Aí, olha isso, a frustração é um negócio: eu vejo o meu pai, papai fica numa tristeza de dar dó, o povo não foi, entendeu, essa é leitura, o povo não foi votar, o povo não conseguiu entender a importância daquilo, entendeu. Na cabeça do meu pai, papai.

(FATIMA) – Choveu nesse dia?

(MARINÊS) – Choveu nesse dia, exatamente, choveu nesse dia, o papai acha eu os políticos de Nova Iguaçu atrapalham muito, fazem campanha contra, entendeu, desmobilizam as pessoas. Ele tem essa leitura e fica uma coisa de que o povo não foi, entendeu. Eu quero confessar.

(FATIMA) – Mas depois de tanta mobilização, por exemplo, quando você tá falando, acho que você desse pessoal que eu tenho entrevistado é a que mais me retratou uma intensidade desse movimento, né, do povo e tal. Eu, por exemplo, fiquei é nessa nesse período eu já tava mais trabalhando no Rio e tal, então e eu não me envolvi, mas é, por que? Porque quer dizer, mobilizou bastante gente, né, e aí o povo não foi.

(MARINÊS) – É, eu confesso a você, eu confesso a você o seguinte: é, eu tinha militância, eu era organizada no MR8, a minha relação com o meu pai ela tinha, ela tinha uma coisa de de, assim de fazer política com ele, como a gente dizia: “eu faço política com fulano” e aquele eram as idéias dele, a gente tinha uma relação muito grande, né. Então num determinado momento como eu falei o MR8 ele, ele ele, teve uma hora que você me pediu o nome, por exemplo, me vem aqui na cabeça uma imagem de 1986, é uma campanha eleitoral pra deputado federal, o candidato que a gente apoiava era o Antonio Carlos de Carvalho que era o Tônico que foi vereador no Rio, que era dirigente do MR8. Pela primeira vez o MR8 tem um panfleto apoiando a emancipação de Mesquita, tá certo, e mas eu quero confessar que tinha uma coisa meio, não é, não é oportunista pelo lado ruim, utilitarista, vamos caminhar junto, mas não tinha um discurso político, acho que não foi o pessoal.

(FATIMA) – O MR8?

(MARINÊS) – É, né, então tinha um papel, não é, tinha uma papel, uma uma como é que fala, sabe essa coisa de fazer panfleto é uma, é uma uma uma formalidade, né, expõe pra sociedade.

(FATIMA) – Claro, claro.

(MARINÊS) – Então eu me lembro que era um papel falando da emancipação com a foto do Tônico, entendeu.

(FATIMA) – Ah tá.

(MARINÊS) – E a gente andando lá e defendendo isso e tal, mas eu acho que não tinha realmente uma atuação na na população mais profissional. Essa coisa do meu pai era um negócio assim, uma coisa...

(FATIMA) – Espontânea.

(MARINÊS) – Espontânea e eu é, eu acho que eu também não seria uma pessoa que tivesse essa posição. A gente tinha um trabalho e até eu vou te falar isso assim, isso é até era uma coisa que

A interferência de N.I.

O MR-8 apo-veitou o mote da emancipação fez panfleto

sempre me foi cobrada, né, assim porque eu tinha que botar militante no MR8, entendeu, e eu era uma pessoa que em todo lugar aonde eu ia, vai eu chegava com dez, quinze pessoas, tá certo, e mas essas pessoas não viravam, veja bem, aí é uma opinião minha que eu vou defender, que é uma visão minha de mundo e tal. Não, as pessoas não eram iguais aquelas que estavam lá, mas gente não podia ser igual, eu acho que a gente quando faz um trabalho de arregimentação hoje eu não to mais militante, mas por exemplo, eu oriento estagiários, eu procuro inocular nessas pessoas os códigos que eu tenho, de justiça, de lealdade, de seriedade, de é de cidade, entendeu, agora a pessoa não vai ser como eu, né.

(FATIMA) – Claro

(MARINÊS) – E a militância com virtude, não quero falar mal das pessoas, eu não falo porque fez parte da minha vida, tá dentro da minha existência, mas em virtude talvez das dificuldades que a ditadura impôs, houve alguma coisa que deixou as pessoas meio dura e n hora que a democracia vai se aproximando e que o trabalho vai pro povo, a gente precisa ter mais flexibilidade pra aceitar aquelas, primeiro que mulher militante é uma graça, né.

(FATIMA) – É.

(MARINÊS) – Pois é, toda reunião tem bolo, tem café, então vinha um cara da MR8 pra falar da reunião, mas pera aí, vamos arrumar a mesa, olha o bolo, eu trouxe biscoito, não sei o quê 'bá, ba'. Segundo, então sempre tem comida reunião com mulher, depois sempre tem criança, tá certo, a mais não pode levar criança porque atrapalha, ma gente mulher e criança é uma coisa. Você é que tem, fazer o seu discurso, tanto você que é o tal da direção, tem que levar em conta os bolinhos, os cafezinhos.

(FATIMA) – Lógico.

(MARINÊS) – E as crianças e dá seu jeito ali de atuar, você não vai pegar aquelas pessoas: “você não podem ser assim, vocês sejam assim”, aí aquelas pessoas não viram assim e não entram na, na tal da organização, né, e eu fazia reuniões enormes. Essa campanha do Antonio Carlos, pra você ter uma idéia, o Tônico ele tinha um negócio, ele dizia assim numa campanha de vereador dele que eu não participei, mas isso aconteceu, ele disse que se ele, se ele se elegeisse vereador em 1976 quando ele se elegeu pelo MDB, né, ele ia se mudar pr um lugar onde ele tivesse mais voto e ele se mudou pra Ilha do Governador porque foi onde ele teve mais voto, né. Tônico era um marenhense doidão, era um cara com energia danada e Mesquita era um lugar onde ele tinha o melhor trabalho e ele dizia: “se eu me eleger”. 86 que que, então essa campanha do, é do pra deputado federal do Tônico é pra emancipação. Exatamente, né e é uma coisa, muita mobilização e eu tava me lembrando de, daquelas coisas de candidato que você sai fazendo reunião, então papai saiu levando Tônico em várias comunidades e o Tônico era um cara que falava bem, né, e tinha uma origem nordestina, então tem uma identificação imediata com as pessoas e eu me lembro que a gente chega dez e pouca da noite lá no Alto Uruguai e a reunião lá já tinha ido embora, porque naquela época não tinha celular, não tinha essas coisas, pois chegou lá naquela escuridão, acendeu a luz lá na casa, o presidente da Associação era um moço que dirigia um caminhão e a esposa dele era da Associação de Mulheres, eu só sei que acendeu a luz, Fátima eu acho que é uma das visões mais impressionantes da minha vida, e ela saiu andando ali, você imagina aquilo lá no alto do morro, tudo escuro, não tinha nenhuma luz e ela saiu andando e as pessoas foram saindo de casa e o Tônico conseguiu falar ali com as quarenta, cinquenta pessoas, entendeu, então era um negócio que foi

*Tônico
reunião
campanha
em
emancipação*

como ele falou: “gente, se eu me eleger deputado federal eu vou me mudar pra cá” e e e tinha uma coisa da emancipação e a votação dele é expressiva. Seu Milton é que me ajuda a calcular, seu Milton chegou a vir no MR8 com a gente, ele é que me ajuda a ter esses números, né, e era era Tônico pra deputado federal e Nielsen para estadual. Eu acho que Nielsen papai chegou a apoiar. Mas, eu não to bem lembrada, mas é é é é nada mais do PMDB, porque ele já tinha essa ligação com o PT e com Artur Messias. Eu não sei se eu to fazendo alguma confusão, mas aquela, aquela igreja ou aquela comunidade que tem agora na praça onde fica o Colégio Brasil, não tem uma comunidade lá?

(FATIMA) – Tem, tem, São José Operário

(MARINÊS) – Tem, São José Operário, exatamente, inclusive foi lá que a gente fez uma das missas do meu pai e e e eu acho que o Messias, o Artur Messias também tinha uma ligação com a Igreja.

(FATIMA) – Não, claro ele vem da Igreja.

(MARINÊS) – Porque eu me lembro de uma história assim, do papai tem que ajudar o Messias, o Artur Messias a arrumar os bancos da Igreja.

(FATIMA) – É o o Artur ele era de, da da da, quer dizer tinham vários grupos jovens e ele era de um grupo jovem dali, eles começaram ali com um grupo jovem, ele veio da, ele era muito ligado com o Valdir.

(MARINÊS) – Isso, então é isso, então é isso ‘mermo’.

(FATIMA) – Né, tudo isso né.

(MARINÊS) – E o papai também.

(FATIMA) – É

(MARINÊS) – E aí o papai ajuda ali a montar aquela, aquela, aquela comunidade ali, São José Operário, é já era um trabalho, é é muito eloquente, eu acho, né, porque é a coisa mais importante.

(FATIMA) – É.

(MARINÊS) – Hoje a gente tem esse código da cidadania, de ir lá procurar o pessoal e dizer que eles tem direito, que eles podem se organizar.

(FATIMA) – É.

(MARINÊS) – Tem que se organizar as pessoas, essa visão coletiva é fundamental e era o que ele fazia, né.

(FATIMA) – É.

(MARINÊS) – Era o que papai fazia sem organização, sem discurso, quer dizer, sem discurso formal de esquerda e tal, era uma coisa de reivindicação do povo e tal. E tinha uma coisa muito da história dele, né, papai passou fome, o papai viu a mão forte assim da da miséria, da dor, entendeu, e

de de pô salvar lá a família dele e ele falava muito isso pra gente, né. Eu, por exemplo, eu tenho um problema de obesidade, né, e eu comecei a engordar aos 9 anos e eu tenho uma cena na minha cabeça que eu fecho o olho e vendo, a gente lá na rua Regina, tudo criança, sentado lá na mesa grande, papai tá lá na ponta, não era, não era uma coisa assim é chique, porque nunca tivemos isso. Era uma coisa humilde, mas tinha que ter fartura e o papai dizia: “come, come, porque eu passei muita fome e vocês nunca vão passar fome”. Então eu me lembro que tinha assim: 10 pães na mesa e tinha aquela bola de mortadela assim que você comprava e eu me mobilizava muito com aquilo, entendeu, e eu tenho que comer pra não passar fome, porque papai passou fome e a gente não pode passar fome, não é, né, uma coisa muito forte. Então esse era o discurso dele pras pessoas, né.

(FATIMA) – É.

(MARINÊS) – Então calava, né, e também porque ele era muito solidário, se o carro atolou, desatolava; se fulano tá doente e vai levar no hospital, ele levava; se tinha que que é passar uma máquina numa estrada, ‘ué’ negócio de prefeitura lá em Nova Iguaçu ele tomava um rebu, você lembra disso: “tem que passar máquina na rua, tem que resolver”.

(FATIMA) – É, é.

(MARINÊS) – Então é isso, né.

(FATIMA) – E você, por exemplo, se o processo de emancipação tivesse passado nesse plebiscito, você acha que o seu pai se candidataria a alguma coisa? Ele falava alguma coisa sobre isso?

(MARINÊS) – Nunca falou, papai nunca falou, talvez ele seja até filiado ou foi filiado ao PMDB e só Marilurdes pra confirmar, Marilurdes foi candidata à vereadora.

(FATIMA) – Em que ano?

(MARINÊS) – Em 1982. Marilurdes foi candidata à vereadora em 1982, a nossa campanha era, a campanha era o seguinte: era eu, meu pai e Marilurdes que eu me lembre, era um fusca 70, que esses dia eu disse que era 69, e ela disse pra mim que era 70, em cima tinha uma corneta que era a mesma corneta do exército que ficava na escola e dois posters da Marilurdes assim formando um triângulo.

(FATIMA) – Eu acho que eu me lembro ainda, eu fui candidata também nessa época.

(MARINÊS) – Exatamente e e e a campanha era na rua, papai não ia em Comitê, papai tudo isso era fonte de stress pra ele de aborrecimento e tal, não, não ele. Eu acho assim: talvez se o processo tivesse saído, eu até falei isso, né, que papai não ia gostar que Paixão tinha sido prefeito de Mesquita e era capaz de papai ir pra oposição, entendeu.

(FATIMA) – Tá.

(MARINÊS) – Porque eu acho que o que ele queria era que a Prefeitura estivesse em Mesquita, eu acho que aí ele ia fazer muito mais ‘rebu’ e botar muito mais gente na porta da Prefeitura, não consigo vê-lo um prefeito, um político, papai queria ser um cidadão.

(FATIMA) – Tá, e por que que no...

(MARINÊS) – Ou então ele queria voltar pro Exército, sabia?

(FATIMA) – Ele queria voltar pro Exército?

(MARINÊS) – É, acho que se isso acontecesse, ele queria, porque é papai se reunia, é, freqüentemente, acho que era uma vez por ano que tinha um encontro do pessoal da época dele, né, tinha até um nome, um nome, um negócio indígena e ele e ele continuava indo lá. Essa coisa do exército é uma coisa muito forte na vida dele né.

(FATIMA) – Presente. Por que que em 93 tem outro plebiscito, aí é vocês não participavam, não, aí você já não tava mais?

(MARINÊS) – Eu não morava no Rio de Janeiro, eu morava em Brasília.

(FATIMA) – E e o seu pai?

(MARINÊS) – Eu acho que o papai participou, mas já não era, já não era como antes, né.

(FATIMA) – Sei.

(MARINÊS) – Ele ele e a gente não tava lá com ele, é, deixa eu ver, 93 eu tava em Brasília, a Marilurdes era engenheira numa empresa, papai tava muito dedicado às filhas, a gente sofreu, a gente sofreu um trauma forte de violência porque Marilena, nossa segunda irmã, era professora do Abeu em Belford Roxo e ela foi assaltada e os caras atiraram na cabeça dela, no pescoço dela e ela foi jogada no mato, foi uma coisa horrível, entendeu, meu pai recebe um telefonema à noite e diz: “oh, aqui é a polícia, achamos uma mulher aqui no meio da estrada e os documentos ela diz que é a sua filha”. Uma coisa assim e não sei nem como ele agüentou, sabe?

(FATIMA) – Sei.

(MARINÊS) – Então tem uma hora que ele, ele deu uma, uma uma introvertida assim, uma introversão.

(FATIMA) – Sei.

(MARINÊS) – Como se ele se virasse pra dentro, né, é a gente já não era mais criança, as coisas já não aconteciam exatamente como ele queria.

(FATIMA) – Certo.

(MARINÊS) – Meu filho por exemplo, meu primeiro filho, o Vladimir, ele nasceu no dia 24 de Abril de 94, e eu me lembro do meu pai, é, no final de 93 acho que ele tava em Brasília comigo, acho que ele foi e ficou um período grande.

(FATIMA) – Ah tá, em Brasília.

(MARINÊS) – Foi ele que foi ficar comigo, eu barriguda né. Papai era incrível, então eu acho que ele tava..

(FATIMA) – Quer dizer, na verdade a grande participação foi essa de 86, 87?

(MARINÊS) – Foi, foi essa, foi essa e tal. Ele falava, ele tinha muita decepção com os políticos, com a política, a gente já não tava ali ao lado dele pra ser parceira dele, entendeu.

(FATIMA) – É, certo.

(MARINÊS) – É, essa coisa de eu ter ido pra Brasília também foi um arrefecimento total porque aí ele tinha que falar com outros caras, que eram pessoas que ele já não respeitava, “não é minha filha” e tal.

(FATIMA) – É, é.

(MARINÊS) – Então houve um arrefecimento dele, né, e aí eu acho que houve também uma, um envolvimento, porque quando eu engravidei Fátima, e ele soube que era menino, ele largou tudo e foi pra Brasília.

(FATIMA) – Tá.

(MARINÊS) – Que a vida do meu pai era ter um menino e ele teve cinco meninas e ele queria um menino pra botar no Exército. Então quando disse que era menino ele foi pra lá e antes do filho nascer já era neto dele, ele já tinha toda uma coisa e o Vladimir, quando a gente voltou pro Rio, o Vladimir era a vida do papai, né. Então aí, eu acho que aí ele vai viver uma coisa pessoal dele que era a de ter um menino pra criar, né.

(FATIMA) – Tá certo, então Marinês, acho que é isso, é, é você teria mais alguma coisa pra falar dessa questão aí da emancipação, dessa luta toda que envolveu você num determinado período?

(MARINÊS) – Eu diria o seguinte, eu queria dizer que eu acho que esse trabalho que você tá fazendo é muito importante assim sem nenhum tipo de elogio “baboso”, porque eu não sou assim. Por que que eu digo que é importante? Porque eu acho que a gente precisa resgatar essa coisa que você botou na minha boca, essa coisa que você chama de memória social, de história oral, assim porque existe uma luta no povo, nas pessoas. Essas pessoas precisam ter voz, eu acho isso, hoje eu sou advogada trabalhista, atuando em Sindicatos, sou advogada de empregados e acho que essas pessoas precisam ter voz, não é, lamentavelmente os avanços que foram feitos aí na democracia e tal, eles não tão garantindo isso. E a emancipação era um processo onde o trabalho que o meu pai liderou, essas pessoas tiveram voz, entendeu, podia até, quer dizer, eu também não gosto de ser dona da verdade, podia até não ser a emancipação naquele momento a bandeira, entendeu, mas nessa bandeira as pessoas encontraram voz para ter eco, o povo precisa falar. Eu acho que nós estamos vivendo uma crise enorme onde há uma coisa de um individualismo muito grande, tá todo mundo voltado pra resolver o seu probleminha e eu acho tão bonito aparecer uma pessoa que quer fazer um levantamento de uma luta do popular, entendeu, e que é uma coisa assim muito singela, porque Mesquita, vamos dizer, não é um grande pólo industrial, não tem lá. Mas se tiver um exemplo de e eu assim, não querendo ser e todo mundo sabe também que eu não sou assim, ah é ficar ‘coisando’ o meu pai e assim criando todo um uma idolatria, né. Mas ele realmente, ele me ensinou isso, né, eu tenho uma bagagem que eu me aproprio dela e essa coisa da solidariedade que eu falei, não é de a família ser a família, ser a casa, ser a rua, ser a cidade. Então isso mora em mim, isso mora em mim, então eu quando sou advogada, esses trabalhadores eles entram na minha família e eu me dou. E eu

acho que isso precisa ser difundido. Então eu fico muito feliz de você tá fazendo esse trabalho, eu fico muito assim, isso me foi, por mais dificuldade que a gente teve em se vê, isso veio como um presente porque é em função dessa perda que eu vivi. Eu às vezes acho que tá muito, muito duro e quando eu vejo você fazendo esse trabalho, eu acho que é a gente vê que não, tem gente fazendo coisa pra dar voz ao povo, pra todo mundo viver melhor, entendeu, o povo precisa ter seus direitos respeitados, garantidos, tem que viver bem, e todo mundo tem que ser feliz, não é? E aí eu acho que você tá de parabéns e se eu puder ajudar, falar com o meu tio, vou fazê-lo pra lhe ajudar pra você apresentar esse trabalho e poder dar voz à emancipação e ao povo de Mesquita.

(FATIMA) – É, então essa entrevista acho que na verdade ela emocionou tanto a ela e a mim, porque a gente tem tido muitos encontros, né, com as pessoas que a gente conviveu, mais e menos, né. Com você, você era bem mais jovem, né, eu tava em outra época, mas acho que é uma coisa muito gratificante, na verdade é isso mesmo que a gente quer com essa, com esse trabalho, né, de de contar as histórias, né, acho que esse trabalho na verdade é uma, é um trabalho de muitas mãos, né, e e é isso que a gente pretende, né, de dar voz, né, que dizer dar voz, as pessoas até tem voz, mas fazer com que essas histórias elas apareçam, né. Acho que..

(MARINÊS) – Dar, dar visibilidade.

(FATIMA) – É, é por aí que eu acho que ela tem que ser contada, né. E muito obrigada e se a gente precisar de algum detalhe, né, que é depois eu vou ler tudo, né, aí a gente volta, tá bom.